

“SEM VIÉS IDEOLÓGICO”! – UMA ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO POLÍTICA ESTUDANTIL EM TEMPOS DE CRISE

Ariel Cherxes Batista¹

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Acherxes@yahoo.com.br

Resumo: O golpe civil-militar de 1964 inspirado no anticomunismo reprimiu diferentes setores da sociedade brasileira em 21 anos de Ditadura Militar. Durante os *anos de chumbo*, o Movimento Estudantil e as universidades mediram forças com o aparato repressor do Estado. Sendo assim, ao desenvolver um exercício de comparação referente as estratégias, ideologias e ações desempenhadas entre as forças participantes deste confronto, observa-se que a disputa foi desleal. O Estado de exceção que findou em 1985, deixou permanências que parecem insuperáveis na atualidade. O legado da geração de 1968 se mantém vivo nas memórias referentes ao regime comandado pelos militares, graças a coragem de indivíduos que mesmo com a iminência de perigo constante (morte, tortura e violação dos direitos humanos em geral), não desistiu de seus ideais. Aproximadamente, trinta anos se passaram desde o fim do regime militar até as Jornadas de junho de 2013. Este movimento inaugurou um processo de crise política no Brasil, em que novamente às massas ganham as ruas, desta vez de maneira dividida, pois, o país ficou polarizado no que concerne às ideias e ações políticas e a ordem vigente que foi instituída a partir de então determinou o *modus operandi* dos sujeitos políticos.

Palavras-chave: tempo presente; anticomunismo; comportamentos políticos;

¹ Licenciado em história pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e aluno do Programa de Pós-Graduação em História na mesma instituição (PPGHIS-UFES).

Em 2017 foi lançado pela Editora Intrínseca, o livro: “Em nome dos pais”, nele o jornalista Matheus Leitão narra a saga enfrentada por seus pais, Miriam Leitão e Marcelo Amorim nos anos 1970 em combate a ditadura militar no Brasil. Ambos eram estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e atuavam politicamente no PCB, à época clandestino. Amélia e Matheus codinomes recebidos respectivamente por Miriam e Marcelo no partido, caíram em 1972 e foram presos no antigo 3º BC – Batalhão de Caçadores, atualmente 38º Batalhão de Infantaria, situado no bairro da Prainha em Vila Velha – ES. Os dois estudantes, assim como seus companheiros de luta foram duramente torturados por conta de sua atuação em terras capixabas contra a ditadura no Brasil. Na visão dos vitoriosos de 1964, as universidades haviam se tornado ninhos de proselitismo das propostas revolucionárias e de recrutamento de quadros para as esquerdas (MOTTA, p. 23, 2014). Este motivo explica por que os pais de Matheus sofreram expurgos por parte da ditadura.

Em suma, o Regime militar assassinou, torturou além de cometer as mais variadas atrocidades com estudantes e professores universitários, pois a visão que o governo sustentava sobre as universidades era de que nelas estava, “um dos focos principais da ameaça comunista, o perigo iminente de que o Brasil deveria ser salvo, e que mobilizou muitos, sobretudo nas corporações militares a se levantar em armas contra [...] Goulart” (Ibidem).

A geração que lutou contra a ditadura deixou seu legado e na atualidade inspira aos que de certa maneira lutam por melhorias na sociedade. Em junho de 2013 o aumento no preço das passagens de ônibus em São Paulo provocou o acontecimento de manifestações de rua organizadas pela internet, que após serem reprimidas, inspiraram protestos em diversas cidades do Brasil. Inicialmente o foco era o aumento das passagens no transporte público, contudo nos meses seguintes outras pautas entraram em discussão provocando o sucesso dos atos de rua com a participação de milhares de pessoas. As convocações eram feitas por um grupo que as pesquisadoras Angela Alonso e Ann Mische denominaram de “Frente autônoma”, segue a citação explicativa:

“[...] movimentos organizados de forma horizontal, que atuaram politicamente durante anos. Apesar de serem identificados como de esquerda, não se organizavam de forma partidária hierarquizada, e sim propunham uma nova forma de organização política” (ALONSO e MISCHÉ, 2016, p. 10-11 apud COSTA e DIAS, 2018, p. 190).

De certa maneira um desses movimentos organizados foi o dos estudantes, que com a mobilização popular desenvolveu um sentimento associado a uma hashtag criada no período, ou seja a ideia de que enfim o gigante havia acordado². Todavia, os indivíduos que engrossaram as fileiras que reivindicavam melhores hospitais, escolas e criticavam o fim da corrupção são os que as autoras chamam de frente patriótica, ou seja, pessoas que utilizando camisas amarelas desenvolviam um forte sentimento antipetista pelo qual em 2018 culminou na eleição de um governo de extrema direita no Brasil. Pode-se dizer que de certa forma os movimentos de rua até então eram de particularidade das esquerdas, pois durante os anos 1990 ficaram marcados pelo fenômeno intitulado por alguns pesquisadores como *direita envergonhada*, ou seja, assumir ser de direita não era algo interessante politicamente, pois era ser associado aos 21 anos da Ditadura Militar brasileira. Contudo, movimentos de rua feitos pelas direitas também era realidade, mas com certa timidez.

Voltando os olhos para 2013, destaca-se o fato de que grupos ligados às direitas começaram a perder a vergonha e de se assumir como tal no auge das manifestações, assim, “passaram a dividir a mesma avenida com as esquerdas, promovendo um encontro inusitado e que, em alguns momentos, resultou em violência” (ROCHA, 2018, p. 112). Os protestos e manifestações foram se agravando e receberam diversos tipos de pauta, muitas inusitadas, por fim uma disputa de narrativas se agudiza e uma polarização iminente tomou conta do país.

A indagação que surge é a seguinte, o fato das esquerdas terem se associado aos setores inconformados com a situação político-econômica do país, visando a longo prazo o que

² O gigante acordou, foi uma hashtag amplamente utilizada nas redes sociais durante o período das jornadas de junho de 2013 que fazia alusão ao fato de que a sociedade brasileira enfim havia despertado e a partir de então se mobilizaria politicamente.

seria de certa maneira uma tomada de consciência política com viés esquerdista por eles, foi uma atitude correta? Ao que parece, não, pois são estas pessoas que demonstravam não ter um posicionamento político definido as que se transformaram em grandes apoiadoras do Golpe parlamentar sofrido por Dilma Rousseff em agosto de 2016 e que em outubro de 2018 elegem Jair Bolsonaro presidente da república. Este evento pode ser considerado como o maior retrocesso ocorrido na política brasileira nos últimos 30 anos, visto o fato de que a base governista bolsonarista reproduz a mesma vulgata anticomunista que a Ditadura nos idos dos anos 1960 e 1970 utilizava como base para a repressão a estudantes e opositores do regime.

A polarização do Brasil

A conjuntura atual em que uma frente ampla de extrema direita governa o Brasil pode ser explicada por inúmeros vieses, e a luta estudantil universitária nesse período possui seu destaque. A seguir, serão tratados alguns elementos que estão associados a ela, mas que não esgotam a discussão, no sentido de ela ser mais ampla, ou seja, estar além do que aqui está sendo exposto.

O ponto de partida e de conclusão da discussão são as jornadas de junho de 2013, mesmo já ocorridas, elas ainda influenciam em situações relacionadas ao tempo presente brasileiro. O conceito de *passado que não passa*, da autoria do historiador Henry Rousso, nos auxiliará nesta análise no sentido de que nosso exemplo histórico de luta é representado pela geração estudantil de 1968 explanada no início deste artigo³. Subtende-se que a análise em questão trata de contextos e momentos históricos diferentes, todavia podem ser associados ao ponto de serem movimentos de luta reivindicatórios, puxados por estudantes e que de certa maneira marcaram a história republicana brasileira, assim como as trajetórias das direitas e esquerdas políticas no Brasil.

Os anos de 2013 e 2014 possuem importância, pois serviram de base para a sequência dos acontecimentos que se seguem na institucionalidade brasileira. Num primeiro momento, a partir da mobilização de estudantes por redes sociais (especialmente o

³ Mais sobre isto: MULLER, Angélica (Org). **1968 em movimento**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

Facebook), inspirados na Primavera Árabe, a população em massa ganha as ruas reivindicando “hospitais padrão FIFA” e não estádios, assim como a melhoria dos serviços públicos de maneira geral. Este ponto já foi bastante abordado por diversos pesquisadores, contudo vale discutir o fato de que as direitas entenderam que as mobilizações da sociedade eram possíveis de serem feitas pela internet. Segundo Camila Rocha, desde meados da década de 1990, indivíduos que se consideravam direitistas, organizavam-se em contra-públicos digitais. Durante os governos petistas, estes espaços representavam os únicos lugares onde as ideias liberais e opositoras a uma “ideologia de esquerda” poderiam ser desenvolvidas. A atuação destes contra-públicos, influenciou e de certa maneira possui influência nos destinos atuais de nossa nação. Em 2014, os indivíduos que engrossavam as fileiras virtuais resolvem aparecer para o mundo real e assim, movimentos de jovens conservadores se formam e ganham as ruas, que historicamente é um espaço de lutas.

As Marchas da Família com Deus pela Liberdade em março de 1964, que contribuíram para o golpe civil-militar em João Goulart, podem ser consideradas como a única mobilização majoritariamente encabeçada e empreendida pelas direitas brasileiras antes das Jornadas de junho de 2013, ou dos protestos de 2015 e 2016 que ocorreram em todas as capitais do Brasil e que ficaram conhecidos como FORA DILMA! FORA PT! Estas mobilizações foram fruto da insatisfação generalizada de uma classe média que em certo sentido considerava-se atingida por medidas de austeridade propostas e postas em vigor pela presidente Dilma Rousseff desde os idos de 2013. Vale lembrar que outro fator determinante para a polarização do Brasil, foi o alarde criado pelo candidato derrotado nas eleições de 2014, Aécio Neves, logo após o pleito pedindo a recontagem dos votos⁴.

Desta maneira, 2013 pode ser considerado o ano em que as direitas “saem do armário” e com suas ações pautadas numa noção legalista, influenciaram nos destinos do Brasil. A conclusão do processo iniciado em 2014, teve uma primeira conclusão em 2016 com o Golpe parlamentar que depôs a primeira mulher eleita presidenta do Brasil. A

⁴ PSDB de Aécio Neves pede auditoria na votação. **O Estado de São Paulo**, em 30 de outubro de 2014. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,psdb-de-aecio-neves-pede-auditoria-na-votacao,1585755>. Acessado em: 25 de julho.

sequência de eventos que se segue, após isto é no mínimo desastrosa. Parafraseando o poeta Moraes Moreira, num período de três anos, seguiu o Brasil “descendo a ladeira”. Em suma, a consolidação destes eventos se deu entre 2018 e 2019, o primeiro ano é marcado pela prisão de um ex-presidente da República sem provas, após um julgamento rápido e discutível, vide os vazamentos do jornal *The Intercept*⁵, e o segundo, pela posse do capitão reformado do Exército brasileiro, Jair Messias Bolsonaro à presidência da República, após a união de uma frente ampla ultraliberal de amalgama conservador lhe servindo como base de apoio para vitória nas eleições.

Por fim, é válida uma última indagação nesta primeira parte, como se comportaram as esquerdas durante este período? O objetivo deste artigo é de se debruçar sobre os movimentos de resistência liderados pelas esquerdas entre 2013 e 2019, anos em que a disputa de narrativas no Brasil se intensificou ao ponto de fazer com que retrocessos políticos tenham ocorrido.

O papel das esquerdas durante a crise da Nova República

O historiador que analisa o tempo presente deve atentar-se ao movimento das épocas históricas, ou seja, ao se debruçar sobre os acontecimentos não deve apenas fazer uma crônica dos eventos, mas sim problematizá-los buscando apresentar o sentido que tais desdobramentos possuem na sociedade.

Os últimos seis anos fizeram as esquerdas se reinventarem, e entre erros e acertos a resistência que visa a manutenção da democracia segue em curso com derrotas consideráveis, principalmente no que tange aos direitos sociais fundamentais muito combatidos desde a deposição da presidenta Dilma em 2016. Vale destacar que algumas vitórias também ocorreram quando o parlamento não permitiu a destruição de algumas conquistas importantes para a sociedade brasileira, por exemplo a não revogação da Lei de Acesso a Informação⁶. Além disso, este processo político

⁵ O jornal *The Intercept*, chefiado pelo jornalista americano Gleen Greenwald, conseguiu acesso por uma fonte a conversas de procuradores, promotores e juízes da Operação Lava Jato que entre tantos feitos condenou à prisão o ex-presidente Lula. Os fragmentos de conversa divulgados apontam que ocorreu manipulações no processo, pois o juiz principal do caso, Sérgio Moro, atualmente Ministro da Justiça deu dicas e orientações de como a promotoria deveria agir nas etapas do julgamento.

⁶ A Lei de Acesso Informação – 12.527/2011 recebeu uma proposta de alteração nos primeiros meses de governo Bolsonaro. Esta lei foi criada no governo Dilma Rousseff com o intuito de garantir que qualquer

provocou algo interessante ao que se refere a política, o brasileiro começou a se interessar mais por ela e o engajamento da juventude se fortaleceu, após um período de certo comodismo. Cronologicamente este período pode ser elencado da seguinte maneira:

2013 – Este ano é o penúltimo do primeiro governo de Dilma Rousseff, as medidas assistencialistas Lulo-petistas estavam a pleno vapor no Brasil e mundialmente o país era respeitado pelos seus índices sócio-econômicos, assim como também políticos conquistados nos dois governos de Luís Inácio Lula da Silva. Contudo, medidas de austeridade foram empreendidas, e o empresariado que outrora foi aliado, se torna inimigo do governo encabeçado pelo Partido dos Trabalhadores. Vale lembrar que a base aliada deste mandato é a que ficou conhecida como “banda podre do congresso”, o PMDB, atualmente MDB, partido a qual era representado na chapa com um quadro conservador de suas fileiras, Michel Temer que usurpou o poder de Dilma Rousseff após um “acordo nacional, com supremo e com tudo”⁷, costurado no congresso pelo ex-deputado federal (PMDB- RJ) e à época presidente da Câmara dos deputados, Eduardo Cunha por temor a Operação Lava Jato.

Neste período as esquerdas, principalmente a compreendida nas universidades estavam em ação, mas apresentavam um certo comodismo, tanto é que serviram de massa de manobra ao estourarem as jornadas de junho de 2013, pois dividiram as ruas com grupos que anteriormente só se manifestavam na internet. A intenção das esquerdas deve ser discutida no sentido de elas terem pensado que a sociedade

cidadão pudesse ter acesso a todos os dados relacionados a instâncias do governo. Muitas coisas relacionadas à Ditadura Militar no Brasil foram apuradas graças a ela, contudo com a edição do novo decreto o que era público viria a ser classificado como “sigiloso” ou “ultrassegredo”, o que impediria novamente o acesso destas informações pela sociedade, pois só se tornariam públicas após 25 anos de sua vigência. A prática da corrupção governamental é facilitada com a modificação desta lei, pois o que podia ser visto e analisado por qualquer cidadão, não seria possível mais. Felizmente na votação da revogação deste decreto na Câmara, o governo sofreu uma de suas primeiras derrotas e não ocorreu a modificação deste ato normativo.

⁷ Refiro-me a frase dita por Romero Jucá, ex-senador pelo MDB de Roraima e atual presidente nacional do partido, a Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro, em ligação grampeada em março de 2016 articulando interromper as ações da Operação Lava Jato depondo Dilma Rousseff e colocando Michel Temer em seu lugar no governo. Mais sobre isto: Em diálogos gravados, Jucá fala em pacto para deter avanço da Lava Jato. **Folha de São Paulo**, em 23 de maio de 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml>. Acessado em 25 de julho.

brasileira finalmente havia finalmente se politizado a maneira delas. Desde a antiguidade existem discussões sobre o que é a política, o processo de politização vai muito além de reivindicar ou não pautas nas ruas. Contudo é inegável para quem presenciou este episódio, o fato de que a sociedade de certa forma havia se radicalizado e estava buscando melhorias a partir de um movimento popular que protestava publicamente. É digno de menção que alguns setores das esquerdas agiram com certo ceticismo e não foram as ruas.

Em suma, 2013 serviu para mostrar as esquerdas que as direitas tinham novas formas de mobilização, as quais inclusive confundiam-se com suas práticas, e isto de certa maneira causou confusão no período, que ficou marcado pela inexistência de mobilizações encabeçadas pelas esquerdas. Isto é explicado pelo fato de que realmente não era o momento para tal ação, visto que o governo ia bem, mesmo que passando por uma turbulência econômica. Contudo este não era o entendimento das direitas que inclusive contaram com o apoio da mídia, grupo a qual num primeiro momento noticiou os protestos criticando-os, chamando as ações dos manifestantes de vandalismo e posteriormente desenvolveu grande apoio exaltando o movimento e fazendo convocações para que todos fossem às ruas. Além disso, a pauta jornalística concentrou-se no assunto corrupção e esta era diretamente associada ao governo do Partido dos Trabalhadores.

2014 – Após um grande período de preparação, finalmente aconteceria a Copa do Mundo no Brasil e a polarização da sociedade, já comentada neste texto ficou evidente na abertura do mundial quando a presidenta Dilma Rousseff foi vaiada por todo o público presente no estádio⁸. Pode-se dizer que a corrida eleitoral deste ano iniciou neste dia. As direitas se aglutinaram em torno do PSDB, representado por Aécio Neves, à época senador por Minas Gerais e candidato à presidência por este partido, o foco de sua campanha era ganhar o apoio da sociedade brasileira a partir da impopularidade de Dilma Rousseff. Contudo, o candidato saiu derrotado deste pleito por uma pequena margem de votos, e as esquerdas tiveram papel de destaque nesta

⁸ Dilma é hostilizada durante abertura da Copa do Mundo em São Paulo. **G1** em 12 de junho de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/dilma-e-hostilizada-durante-abertura-da-copa-do-mundo-em-sao-paulo.html>. Acessado em 16 de julho de 2019.

eleição ao se unirem no segundo turno contra uma direita em ascensão que não aceitou o resultado e pediu a recontagem dos votos. Esta ação de Aécio Neves ainda em 2014, faz o ano de 2015, em que se inicia o segundo governo de Dilma Rousseff, ser um ano complicado politicamente. As direitas não estavam mais em ascensão, elas estavam em ação e o golpe de 2016 estava em curso, sendo só questão de tempo sua consumação.

2015 – A primeira medida do segundo governo de Dilma Rousseff é um ajuste fiscal colocado em vigor no primeiro mês do ano. As razões para tal ação foram em decorrência de vários fatores, sendo dois os principais, um externo e um interno. O primeiro deles o impacto causado pelo mercado exterior em relação a importação de *commodities*. O Brasil sempre foi dependente do capital estrangeiro, o movimento no preço das matérias-primas causou um descontrole em nossa economia aliado ao segundo fator, chamado na economia de desoneração, ou seja, a redução de impostos a setores que a curto prazo davam pouco retorno econômico ao governo. Assim, o ajuste fiscal foi sentido pela sociedade e a aprovação da presidenta caiu para 23% segundo dados de pesquisa feita pelo Instituto Data Folha entre os dias 02 e 05 de fevereiro de 2015⁹. Os desdobramentos na Operação Lava Jato que no período compreendido julgou figuras importantes no governo, também contribuíram para estes índices. No domingo 15 de março de 2015, as direitas fizeram protestos em todos os estados do território nacional reivindicando a renúncia da presidenta Dilma Rousseff, pois seu governo era considerado corrupto pelos manifestantes. Alguns indivíduos mais exaltados pediam a volta da Ditadura Militar a partir de uma intervenção, que no entendimento deles era amparada constitucionalmente. Este fato é falso, pois o artigo referido, 142 de nossa Constituição Federal, determina:

"As Forças Armadas (...) são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos

⁹Crises derrubam popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad. **Folha de São Paulo** em 07 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/02/1586836-corrupcao-em-estatal-e-crise-economica-fazem-popularidade-de-dilma-despencar.shtml>. Acessado em 16 de julho de 2019.

poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem" (BRASIL, 1988).

Ou seja, o referido artigo legitima o uso da força militar a partir de uma GLO, decreto de Garantia da Lei e da Ordem, utilizado por exemplo em crises de segurança pública como a ocorrida no estado do Rio de Janeiro em 2018, todavia a convocação de tropas deve ser feita pelo presidente da República e após isso ser aprovada pelo Congresso Nacional, para aí ser empreendida. Sendo assim não é uma intervenção militar, mas sim governamental, pois qualquer tentativa de tomada do poder por parte de nossas Forças Armadas compreende golpe, como o ocorrido em 1964.

As esquerdas nesta ocasião se mobilizaram e em 13 de março, data emblemática no que se refere ao Trabalhismo no Brasil¹⁰, marcaram manifestações que defendiam a soberania da Petrobras. As centrais sindicais, movimentos sociais, coletivos e representações estudantis que encorparam o movimento se opunham ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff, entretanto estes atos também eram contrários ao ajuste fiscal, pois atingia a muitos em relação a benefícios previdenciários.

Nas universidades este ano fica marcado por greves de servidores e professores e também de estudantes em alguns lugares, ação que não surtiu o efeito esperado e de certa forma contribuiu para aumentar a impopularidade do governo Dilma. No Congresso Nacional o afastamento da presidente era amplamente discutido, o golpe travestido de legalidade estava em curso e impedi-lo era impossível, ainda assim protestos semelhantes aos de 13 de março foram feitos durante o ano e no primeiro semestre de 2016, entretanto não apresentavam tanta força como os feitos pelas direitas que novamente haviam se popularizado no país, após seu ostracismo no período posterior a Ditadura Militar já comentado neste texto.

2016 – O ano do Golpe parlamentar é marcado por baixos índices econômicos, desemprego e extremismo político. As esquerdas neste período buscaram discutir medidas de combate, vale lembrar, sem construir uma autocrítica, o que custou caro.

¹⁰ No dia 13 de março de 1964, o presidente João Goulart discursou na Estação Central do Brasil no Rio de Janeiro. Neste comício, nacionalizou indústrias, empreendeu alianças com lideranças às esquerdas e deixou claro seu lado mais populista por estas razões esta data é importante no que se refere ao Trabalhismo no Brasil. Jango foi deposto por um golpe Civil-Militar dezoito dias após este ato público.

Nas universidades mobilizações continuavam a acontecer, mas como dito acima, não representavam a capilaridade necessária para conter o avanço do golpe que reuniu o parlamento, a mídia e a sociedade civil, este último grupo desde 2015 protestava aos domingos pedindo o fim da corrupção no Brasil, trajado com a camisa da seleção brasileira, paradoxalmente uma das entidades que apresenta irregularidades e corrupção em suas práticas políticas¹¹. Por fim, em agosto de 2016 ocorre o início oficial do governo de Michel Temer, que assume no lugar de Dilma Rousseff.

2017 – O governo Temer, iniciado em 2017 é marcado por medidas ainda mais austeras, além de retrocessos sociais e inclusive ideológicos. Neste período, assiste-se também ao crescimento do capital político do deputado federal Jair Messias Bolsonaro que já estava em campanha política visando a presidência da república no pleito de 2018. As práticas das esquerdas se resumem as mesmas dos anos anteriores, além da defesa em atos ao ex-presidente Lula, que no período era alvo de ação judicial na Operação Lava Jato. Em suma, este ano foi bastante inerte no que se refere a uma atuação de oposição ao governo, ela ocorria, mas não era efetiva. Todavia, o ano de 2018 reservava boas surpresas neste aspecto.

2018 – Novamente ano eleitoral, uma candidatura da extrema direita polariza com o popular Partido dos Trabalhadores que lançou o nome de Lula para a disputa, entretanto em abril de 2018, o ex-presidente foi preso e o cenário eleitoral ficou nebuloso, colocando em dúvida se um dos quadros mais populares da política no Brasil, poderia ou não disputar as eleições gerais.

No mesmo ano, logo em seu início, o professor da UNB, Luís Felipe Miguel, monta a ementa da disciplina Tópicos especiais de Ciência Política – O Golpe de 2016, seu objetivo, analisar o afastamento da presidenta Dilma Rousseff. Em 21 de fevereiro de 2018, o ex-ministro da Educação, Mendonça Filho, soltou uma nota pelo MEC, criticando a ideia da disciplina, afirmando que ela apresentava “viés ideológico”. Este termo estava plenamente em vigor e discussão, desde antes desta nota, as direitas aglutinadas em torno do Bolsonarismo apontavam uma suposta doutrinação comunista

¹¹ Esquema de corrupção na CBF recebeu R\$ 120 milhões, diz FBI. **O Estado de São Paulo** em 06 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,notas-frias-e-chantagens-fbi-revela-as-taticas-dos-cartolas,1807312>. Acessado em: 25 de julho de 2019.

nas escolas e universidades. O professor Luís Fernando Miguel sofreu ação judicial, mas em contrapartida ficou nacionalmente conhecido e sua ideia influenciou a outros professores universitários a ofertarem a disciplina e conseqüentemente resistir ao governo. Novamente as universidades encabeçaram um movimento considerável de oposição a um governo que com seus cortes, destruía conquistas sociais e na ilegitimidade, por ser golpista trazia retrocessos ao país.

A sociedade que se polarizou em 2013, mediu forças em 2018, destaca-se o fato de que as esquerdas se organizaram contra a ameaça bolsonarista e se mobilizaram. As manifestações “ELE NÃO! ”, ocorridas em todos os estados do Brasil mostraram novamente a força das universidades e das mulheres contra o extremismo político que discursa contra o feminismo e os direitos das mulheres.

Lamentavelmente, a prisão de Lula, a fragmentação das esquerdas, já nesta época chamada de campo progressista e o forte antipetismo da sociedade brasileira, rancorosa desde as Jornadas de junho de 2013 elegeram Bolsonaro.

2019 – O governo Bolsonaro é previsível em suas ações, e empreende na política brasileira exatamente o que propôs, a destruição do Estado, ou como defendido no discurso de posse, o fim do gigantismo estatal. Claramente uma defesa ao Estado mínimo guiado pelo uso desenfreado de medidas ultraliberais capitaneadas por seu ministro da Economia, Paulo Guedes.

As universidades vêm sofrendo cortes que impedem o desenvolvimento de pesquisas, a qual contribuiriam com a sociedade se recebessem o devido investimento. Os trabalhadores que já sofrem pelas medidas da Reforma Trabalhista e da PEC do teto de gastos, aprovadas no governo Temer, estão a passos largos de sofrer mais uma derrota em aspectos sociais com a aprovação da Reforma da Previdência, que aguarda votação no Senado federal no momento em que escrevo este texto. O tempo presente brasileiro é sombrio e a ordem do dia se resume na palavra, resistência.

Bolsonarismo X Universidade

Por fim, será tratado neste texto de um dos alvos do governo Bolsonaro, as universidades. No dia 11 de março de 2019 em sua conta no Twitter, o presidente postou uma longa

mensagem em que dentre os vários absurdos criticava a universidade por ser: *massacrada pela ideologia de esquerda que divide para conquistar, enaltece o socialismo e tripudia o capitalismo*. Ele completou afirmando que esta realidade faz com que: *a formação dos cidadãos seja esquecida, pois se prioriza a conquista dos militantes políticos*. O último tweet defende o fato de que esta ideologia das universidades seja suprimida, pois está em conformidade com: *o mal que esteve tão perto de destruir nosso país*¹². Nestas palavras postadas é observável uma defesa anti-intelectual. Ao invés de criar medidas que melhorem o acesso, permanência, pesquisa, ensino e extensão na universidade o presidente prioriza soltar palavras ao vento no formato de bravata criticando uma falsa presença comunista nos meios acadêmicos atuais. O governo Bolsonaro teve como primeiro ministro da educação Velez-Rodriguez, filósofo colombiano, naturalizado brasileiro e professor do departamento de filosofia da UFJF. A indicação deste quadro se deu pelo astrólogo Olavo de Carvalho, guru intelectual das “Novas Direitas”. Numa gestão conturbada, marcada por constantes recuos, Velez foi demitido e deu lugar ao economista Abraham Weintraub, a qual inicia o comando da pasta autorizando o corte, chamado pelo governo de contingenciamento de despesas, de 30% nas instituições de ensino federal. Esta ação provocou uma reação em cadeia, pois foram marcados para os dias 15 e 30 de maio, atos em todas as capitais do Brasil em defesa da educação. De certa maneira, a luta estudantil segue reaquecida e engajada, estudar continua a ser um ato revolucionário no país. Vale ressaltar que o presidente da república chamou os que se manifestaram

¹² Íntegra da mensagem postada pelo presidente da república federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, em seu Twitter no dia 11 de março de 2019, às 08: 06h:

“O ambiente acadêmico com o passar do tempo vem sendo massacrado pela ideologia de esquerda que divide para conquistar e enaltece o socialismo e tripudia o capitalismo. Neste contexto a formação dos cidadãos é esquecida e prioriza-se a conquista dos militantes políticos. Uma das prioridades do nosso governo é quebrar o ciclo da massa hipnotizada comendo migalhas enquanto seus líderes nadam em milhões da corrupção do erário. Infelizmente, é um trabalho duro e demorado, pois ao longo de anos o aparelhamento do estado foi estrategicamente gigantesco. Não se refaz da noite para o dia algo tão grande, mas um ponto de partida já existe e estamos fazendo nossa difícil parte. Desejamos que outras gerações se organizem e levem adiante esta sementinha que foi plantada por muitos. E que impeçamos para sempre que o mal que esteve tão perto de destruir nosso país volte com força. Defeitos, todos temos, mas a maldade formada para destruir é nata e organizada apenas por um lado. Vamos trabalhar juntos para resgatar nosso amado Brasil”!

nos ato do dia 15 de maio de idiotas úteis¹³. Dias depois tentando consertar a fala explicou que os estudantes estavam sendo utilizados de massa de manobra por professores doutrinadores. Nesta comunicação não nos debruçaremos sob as discussões relacionadas à doutrinação nos meios escolares à esquerda ou à direita, contudo é evidente que o ensino e a educação devam ser bandeiras plurais e amplas que devem ser defendidas por todos, principalmente pelos mandatários da nação. Conforme Angela Alonso, a retórica bolsonarista defende a ideia de que:

[...] as universidades públicas teriam formado professores com viés de esquerda ao longo dos governos petistas. O Escola Sem Partido teme que jovens aprendam igualdade de gênero e combate à homofobia, discutam pressupostos religiosos e se filiem a movimentos socialistas e anarquistas. A lista de medos é longa, mas seu sumo é a “contaminação ideológica”. A reação é o veto à liberdade de pensamento; demandam uma impossibilidade educar sem politizar (ALONSO, p.60, 2019).

O fragmento acima nos traz indagações, como seria possível obter êxito nos anseios educacionais bolsonaristas? Nas ruas do Brasil estudantes e pesquisadores de variadas idades e segmentos educacionais, protestaram contra os cortes na educação, o coro mais escutado, o de que educação não é mercadoria, ou mesmo esmola. A resposta do governo, já mencionada foi de que os manifestantes eram idiotas úteis. Bolsas foram cortadas, pesquisas foram interrompidas, o sonho do diploma em alguns casos, adiado, e tudo por uma nefasta ideologia que recebeu mais força a partir das jornadas de 2013, a qual o diferente é estigmatizado, não é aceito e deve ser execrado. Estudar no Brasil bolsonarista é um ato revolucionário. Inúmeros fatos fizeram o Brasil adentrar nesta crise moral, política e social, todavia, reduzir investimentos em educação apenas agravará as turbulências que estão a pleno vapor em nosso tempo presente.

Considerações finais

¹³ Bolsonaro diz que manifestantes contra cortes na educação são idiotas úteis e massa de manobra. **Folha de São Paulo** em 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/bolsonaro-diz-que-manifestantes-contracortes-na-educacao-sao-idiotas-uteis-e-massa-de-manobra.shtml>. Acessado em: 25 de julho de 2019.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

A contemporaneidade brasileira nos mostra que mais uma vez os estudantes, as universidades e a classe trabalhadora estão sofrendo com medidas impopulares que em nada contribuem para o desenvolvimento do Brasil. Os últimos seis anos foram bastante turbulentos para a institucionalidade brasileira que mesmo debilitada segue em funcionamento, é evidente que os questionamentos que são feitos por todos que se consideram oposição ao Ultraliberalismo conservador que comanda o país na atualidade gira em torno da pergunta: o que fazer? A resposta foi dada historicamente para nós, a Geração de 1968 não é esquecida, pois resistiu, os que estão em luta contra o Bolsonarismo devem também fazer o mesmo, resistir.

Referências

Fontes:

Folha de São Paulo. Acervo digital.

O Estado de São Paulo. Acervo digital.

Portal G1.

Bibliografia

ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acessado em: 25 de julho de 2019.

COSTA, Gabriela. DIAS, Maria Júlia. “A nova marcha dos 100 mil”: o movimento estudantil em 1968 e em 2013 sob o olhar de O Globo. In: MÜLLER, Angélica. (Org) **1968 em movimento**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

Leitão, Matheus. **Em nome dos pais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: Cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MÜLLER, Angélica. (Org) **1968 em movimento**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

ROCHA, Camila. “**Menos Marx, mais Mises**”: uma gênese da Nova Direita Brasileira. Tese (Doutorado em Ciência Política) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019